



Redactores
A. TAVARES DE CARVALHO
A. PINTO DE MAGALHÃIS
Redacção e Administração
COSTA DO CASTELO, 27

Quinzenário Académico
Director—MANUEL BERNARDES BENAVENTE
Administrador—JULIO DE SOUSA GONÇALVES
Propriedade dum Grupo de Alunos da Escola C. Veiga Beirão
TELEFONE 20564

Editor
MANOEL BORGES
Composição e Impressão
FUTURISTA - GRÁFICA
Rua Antero do Quental, 16

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PREÇO \$50

11
de Novembro

EFEITOS DO PROVISÓRIO

UMA ESCOLA INFELIZ

Portugal entrou na guerra para ajudar a furtar o mundo ás prepotencias de uma classe militarista, cega de mando, vaidosa, despótica e humilhadora. Mas o motivo principal que nos arrastou á cooperação no Grande Conflito Mundial, que teve o seu início em 1914, foi o de defender, de armas na mão, a intangibilidade dos nossos ricos e vastos dominios coloniais, herança sacrosanta que os nossos avós nos legaram, e terra tão portuguesa como aquela que pisámos na Metropole.

Os homens que em 1914 orientavam os destinos da Republica, tiveram a visão nitida e precisa de que era essencial para que a Patria não fosse retalhada o sacrificio duro, brutal e sangui-nolento que todas as guerras impõem.

Na Flandres e na Africa soubemos cumprir o nosso dever. Bem quizeram, mesmo os que mais amigos de nós se affirmam, que desaparecesse em determinada altura a falange heroica dos lusitanos do campo da luta. Bem pretenderam, num segundo sentido muito reservado, que as nossas tropas em França se subordinassem demasiado aos seus altos corpos directivos.

Enquanto os soldados rudemente nas frentes da batalha lutavam e morriam, os seus chefes, em Portugal, á retaguarda, defendiam-lhes a honra e a honra da Nação.

Como uma tromba caiu sobre nós a avalanche germanica do 9 de Abril.

Continua na pag. 2

O probléma das instalações escolares, ainda se encontra em Lisboa por resolvêr completamente. Nós sofremos, entre outros grandes males orgânicos, da mania do *provisório*. Acomoda-se qualquer instituição provisoriamente numa parte de casa ou até em quartos alugados, com a promessa formal de se construir a instalação própria. Mas logo que a instituição começa funcionando, nunca mais a burocracia bafienta cuida de nada, e o provisório passa ao cabo de anos para tudo quanto possa haver de mais definitivo. Deve ter sucedido isso com a desditosa Escola Commercial de Veiga Beirão, encostada á escola primária em cujo edificio funciona, com o suplemento duma cantina da freguesia de S. Cristóvão que a cada passo reclama a sua parte no edificio. e nem sabemos que mais.

Já o facto desta escola funcionar alcandorada na Costa do Castelo, e portanto de difficil acesso, constitui não pequeno sacrificio para quem a frequênta.

Muitos dos seus alunos, empregados comerciais, retidos até ás 19 1/2 horas nos escritórios pela cupidéz e abuso dum patronato sem escrúpulos e infelizmente, impune, vão para a escola sem jantar, a-fim-de não perderem as aulas. A escola nem sequer possui uma pequena Cantina onde êles a trôco de uma magra importância obtivessem uma sôpa, pelo menos que lhes evitasse um inevitável de-pauperamento físico.

Mas não param aqui os sacrificios da frequência nocturna desta escola, constituída na maioria por adultos que em algumas salas é forçada a servir-se das carteiras destinadas aos alunos de instrução primária, sofrendo o suplício de acomodar o corpo num espaço exiguo e restricto durante quatro horas consecutivas!

O edificio da Costa do Castelo converteu-se como a túnica de Jesus, disputada pela judiaria insofrida á beira da Cruz do suplício, num prédio em que a desditosa Escola Commercial de Veiga Beirão anda em bolandas, com dano de professores e alunos.

¡Que cousa maravilhosa e arqui-justa seria, que quem nestas coisas superintende, se lembrasse de dar a esta escola as instalações que ela merece pelo elevado valôr que ela tem entre os naipes do ensino tecnico, no qual se fundam todas as esperanças de ressurgimento e vitalidade do nosso país inçado de verbalistas ôcos e improditivos e duma burocracia pegajosa, venal e já arqueológica!

NO PRÓXIMO NÚMERO:

O ANALFABETISMO—por M. Benavente.

OS ESTUDANTES NA IDADE MEDIA—por J. Pinto Magalhães.

ALCÁCER DO SAL—por Julia Fino da Silva.

TEMAS SOCIAIS—Bairros populares—por M. Benavente.

O IMPERIO COLONIAL PORTUGUEZ-Angola—por Augusto José Janeiro.

NOVAMENTE A CAMINHO...

Quando lançámos «Alma Nova» a lume da publicidade, não esperávamos que o nosso esforço fôsse tão bem compreendido e que sobre êle caissem os louros da glória.

Alicercetamos esta afirmação, indesmentível, sobre o êxito incomparavel do 1.º número do nosso quinzenário.

... E novamente a caminho, sentimo-nos mais fortes, mais ousados. Uma onda de entusiasmo nos anima, num palpar nervoso, dentro da nossa alma... O peito arfa apressado, a pena treme-nos na mão... Enfim, uma grande alegria...

E' lógico... Notava-se de há muito a falta de um porta-voz dos académicos, onde cada um tivesse o ensejo de exteriorisar as suas aspirações, os seus modos de pensar e as suas ideias.

Sobre a nossa mesa de trabalho, amontoam-se as cartas:— de incitamento e de amabilidades...

Entretanto, chegaram-nos também aos ouvidos, meias palavras, meias confidencias...

De todas elas, porém, uma confidencia houve que mais afinetou, mais aguilhou a nossa sensibilidade.

Expliquemo-nos:— Deficiências do nosso primeiro número, deram aso, a que fizessem de nós, uma ideia irrónea. «Alma Nova» é propriedade de um grupo de gente nova e todos nós somos alunos da Escola Commercial de Veiga Beirão. Mas o nosso jornal é de to

Continua na pag. 2

11 de Novembro

(Continuação)

A morte ceifou muitos portugueses, mas agarrados ao terreno da França ficaram os bastantes para manterem intacto o nome de Portugal até ao dia 11 de Novembro, dia em que se fez o Armistício e a Paz entrou, por pouco, na face da terra.

Então nos corredores largos de Versailes, enquanto se discutia o Tratado de Paz, em torno do nosso Paiz, voejaram agoirentas aves de garras aduncas pretendendo arrancar-nos as nossos colonias que são carne da nossa carne.

Ainda a nossa pleiade, de bons portugueses se manteve ativa, intransigente, propugnando pela manutenção do territorio patrio.

Na Europa deixou de ouvir-se o troar dos canhões. Não se houve o estorror dos que morrem, mas de corpos humanos corre abundante o sangue dos que a metralha tocou, mas, no entanto, um ruído subterraneo anuncia-nos e faz-nos presagiar que a tormenta está Patente. Cada homem em Portugal tem de ocupar o seu lugar. Aquelle que compete pela sua especialização, pelo seu estudo, pelas suas qualidades moraes e intellectuaes. Nada de inversões de posição. Aperfeiçoemo-nos cada um de nós no ramo de actividade que melhor quadra á nossa maneira de ver.

Lembrêmo-nos que o Mundo vive horas graves e que sob a capa larga de interesses de ordem superior, se escondem interesses de duvidosa origem. Os povos que, como o nosso, grandes territorialmente se deixaram enfranquear por um mal concebido e executado plano de defeza economica estão á mercê de um golpe de mão.

Há que evitá-lo, há que estar atentos para impedirem na hora própria o salto de Tigre. Para tanto basta que nos lembrêmos que a tragedia de 1914 pode repetir-se sobre aquela forma ou sob outra qualquer.

Divididos, amolentados por não praticarem todos os deveres de cidadão, não preparando na paz os nossos espiritos para a defeza sagrada do territorio nacional, sômos capazes de não saber honrar o nome dos portugueses que na Grande Guerra, que teve o seu fim em 11 de Novembro, souberam morrer pela Patria.

DEGREDDADO?

Nesta hora de profundas inclemências sociais, em que as paixões se debatem num inferno de titánicas lutas interesseiras e de egoismos, ou se afundam no marasmo geral que envolve o orbe, há situações que confrangem e acordam na alma endurecida pelas experiências da vida, os sentimentos mais nobres do homem, que são a própria essência do seu espirito.

Degredado. Que temôr arripiante nos causa a dureza desta palavra, o ferrêto de ignomínia que a Sociedade criou para marcar o componente que pratique um acto que ela, para sua segurança classifica de crime!

Quantas Almas, que a própria natureza do crime praticado não fez perder completamente, não foram perverter-se, lançar-se, no contacto com o horrivel leprosário do degrêdo, na mais escura das desfortunas, metamorforesando tudo o que ainda restasse de puro e belo numa insensibilidade de primêvo incivilizado, feroz e sem moral.

Que horror nos causa pensar que possamos assistir como cúmplices tácitos, porque nós todos sômos a colectividade, ao espectáculo de lançamento duma alma juvenil para as profundas asperêsas dum Depósito de Degredados!

Corre êsse perigo o académico, aluno do Liceu de Lamêgo, Albino Queiroz de Magalhães, 21 anos florescendo pálidamente na medonhez dum carcere, que infelizes circunstâncias levaram á condição do criminoso lançado para o rebotallo da Sociedade.

Ainda não tinha 18 anos quando praticou o crime porque foi julgado e condenado.

Segundo uma nota publicada pela Administração e Inspeção Geral das Prisões, o infortunado rapaz não se encontrava embriagado, como tinha dito a maioria da Imprensa e, pouco antes do seu tresloucado acto, tivera uma fútil questão com outro seu colega.

Veio, porém, uma entidade que foi Governador do Distrito ao tempo do crime referir no «Diario de Noticias», que tão nobremente tem pugnado pelo nosso camarada, que, ao contrário da afirmação da A. e I. G. das Prisões, o infeliz escolar se achava bastante êbrio, tendo sido levado para casa nos braços de bondosos amigos, e que, ao entrar em casa, foi alvo das chufas de outros seus amigos que, impensadamente e por divertimento, lhe disseram que fôsse coser a bebedeira para a cama Essa entidade citava, ao mesmo tempo, o belo caracter e os bons antecedentes de Abilio Queiroz de Magalhães.

Estamos convencidos de que assim foi.

Não é crível que uma pessoa de tão excelente organização moral, bondoso e afável em extremo, tivesse, quando no uso normal das suas faculdades, a serena, a fria e reflectida coragem de conceber o crime que o desgraçou.

Não. Só na privação dos sentidos se atria inconscientemente sobre um amigo a que se queria, sem calcular a hediondez e a enormidade do acto praticado.

Foi a troça e as chufas insensatas de alguns colegas que, revolvendo-lhe o peito em ondas de desesperado melindre, o levou á prática desvaireada, insensibilizado pelo alcool. dum crime que o tornou num instante no mais desprezível dos homens, olhado como um facinora pelos seus semelhantes.

O movimento tão digificante iniciado pelo ilustre advogado e jornalista Dr. Mário Monteiro, secundado pela Imprensa—numa demonstração nobre e conscienciosa—não resultará improficuo porque a anunciada Reforma de Regime prisional certamente virá beneficiar os condenados na situação de Queiroz de Magalhães.

Esperemos confiados.

Se é certo, como diz a referida nota, que o infeliz colega têm por êle a pedir quem por outros seus desgraçados companheiros de prisão não se interessa, é forçoso pensar-se que êle é dos que maior perigo moral corre por se encontrar no periodo mais grave da juventude, aquele de que depende a formação do cidadão, é forçoso olhar-se para os belos antecedentes que o abonam, para o ambiente que o cerca, adquirido por uma educação e convivência num meio superior ao daquêles com quem vegeta na Cadeia, o por fim, á sua situação de bom estudante.

E' necessário salvar esta alma que, por certo ainda possui os predicados que o faziam considerado, dos seus mestres, dos seus colegas e dos seus amigos.

(Continua na página 7)

Novamente a caminho . . .

(Continuação)

dos os académicos. Que importa que sejam liceais ou universitários, comerciais ou industriais? Somos estudantes e todos os componentes do grupo que fundou este jornal são, sem excepção alguma, republicanos.

Porem, jamais queremos dar uma feição politica ao nosso jornal. Muito longe...

Queremos, sómente apresentar «Alma Nova» o mais variado possível. Assim, todos os assuntos estão adentro do nosso programa, sendo motivo de orgulho atingirmos a nossa finalidade. E que de número para número «Alma Nova», possa apresentar-semelhor. Isso, porém, repetimo-lo:—há-de ser obra de todos os nossos colegas, estando certos de que todos nos hão-de ajudar. E só uma pequena minoria:—a dos parasitas, a dos que nada fazem e, portanto, nada produzem, só êsses podem indiferenciar-se ante o nosso esforço tão necessário para venceremos todos os óbices que a cada passo se encontram no caminho.

...E, assim, novamente a caminho. Sentimo-nos mais fortes, mais ousados... Uma onda de entusiasmo nos domina, num palpar nervoso, dentro da nossa alma... O peito arfa apressado, a pena treme-nos na mão...

A Redacção

IMPRENSA

Referiram se ao aparecimento do nosso quinzenario em termos bastante amáveis, os seguintes colegas na imprensa:

Diario de Lisboa, Republica, Diario de Noticias e Liberdade.

Agradecemos.

Recebemos *A Esfera, Vítimas da Guerra* e o *Desportivo*.

Permutaremos gostosamente.

Administração

Em virtude dos seus afazeres profissionais não permitirem que Manuel Bernardes Benavente continue com a administração do nosso jornal, pediu a demissão, sendo substituído pelo Sr. Julio de Sousa Gonçalves.

BELAS ARTES

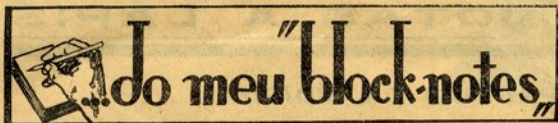
O DESENHO

Fácilmente se coligem as grandes vantagens que, em qualquer circunstância da vida, em qualquer emprego social, pode prestar a importante e agradável arte do desenho, que, não só nos habilita a copiar os objectos naturais e artificiais que se patenteiam aos nossos olhos, mas, também, a tornar visível, dando-lhe uma existência real, o que apenas a imaginação cria. A sua linguagem universal permite transmitir as nossas ideias a todos os povos da terra e ás gerações futuras. Que idioma haverá tão rico, tão cheio de palavras, que possa descrever com tanta exactidão como o desenho, as cenas variadas que a cada instante sucedem no vasto palco da natureza, e que, por gradações insensíveis, passam do prazer ao luto, da magnificência ao terrôr?

¿Será fácil fazer com palavras, tão exata explicação das abrasadas regiões de Africa, dos verdejantes vales e alcantilados montes da Suíça, da risonha primavera, do taciturno inverno, tão exacta explicação do que se acha representado nesses quadros onde a mão de sublimidade e hábil artista soube traduzir a natureza com todas as suas feições e em todos os seus variados aspectos?

Se se pretende transmitir à posteridade uma batalha, um incêndio, um naufrágio ou qualquer objecto histórico, alguns traços lançados sobre uma superfície, segundo a arte, completarão os trabalhos de muitas páginas ou servirão para ilucidá-las, e esta especie de narração tão resumida, mas tão enérgica, atraindo a atenção dos observadores fará brotar em seu peito um nobre entusiasmo pelo estudo, ou pelo menos a louvável curiosidade, primeiro incentivo das Ciências. Debaxo d'este aspecto poucas artes e ciências podem prescindir do auxilio do desenho.

Se, das belas-artistas, que estão de tal forma enlaçadas com o desenho, todas parecendo ramos do mesmo tronco (a pintura, a escultura, a arquitectura e a gravura) percorrermos successivamente as innumeráveis artes mecánicas, vemos os seus progressos devidos em gran-



O FUNDADOR DA ESCOLA MODERNA

Os acontecimentos de enrolados, em Espanha, na tarde radiosa de 14 de Abril deste ano, vieram pôr novamente em foco a figura simbólica de Francisco Ferrer y Gurdia.

O grande apóstolo da renovação cultural nasceu em 10 de Janeiro de 1859 numa povoação perto de Barcelona.

Aos 14 anos entrou para uma loja de mercador. O seu patrão que soffera imenso dos clericais, era livre-pensador, contribuindo imenso com a sua influencia e conselhos para que Francisco Ferrer viesse a ser, também livre-pensador e anti-clerical. Aos 25 anos entrou para a Maçonaria e aos 27 tomou parte na famosa revolução de 1886, promovida pelo general Vilacampa.

Embora envolvido no movimento, Ferrer conseguiu escapar ás investigações policiaes, emigrando como politico para a capital da França, onde estabeleceu residencia.

Uma vez em Paris, o trabalho exaustivo do grande propagandista foi constante. Aperticou a sua instrução pessoal, acompanhou os progressos scientificos e mandou traduzir obras que combatiam a influencia perniciososa do clero no povo espanhol, publicando-as depois no seu país.

Reconhecendo a grande percentagem de analfabetos que existia em Espanha, Francisco Ferrer conseguiu fundar em Barcelona após muito trabalho e persistencia, a sua *Escola Moderna*, onde depois se ministrou um ensino proveitoso e inteligente.

Abriu a *Escola Moderna* com perto de 30 alunos mas nos anos seguintes a frequência aumentou consideravelmente. A iniciativa de Ferrer foi acolhida de tal maneira que ao fim de algum tempo foi necessário abrirem-se successivas sucursais noutras cidades espanholas.

Mas não foi só em Espanha que esse centro de cultura independente, livre de preconceitos retrógrados, conseguiu ver compreendida e apoiada a sua finalidade.

A sua acção também se fez sentir bastante no resto da Europa, que seguiu atentamente o audaz empreendimento de Ferrer.

A *Escola Moderna* possuía também, uma importante secção editorial onde se imprimiam livros escritos por autores de elevada categoria científica.

O clericalismo, vendo desgostosamente que ella ia criando dia a dia numerosos adeptos, preparou um golpe final contra a salutar propaganda do livre-pensamento.

Favoreceu-lhe esse seu desejo o atentado Morral praticado em 31 de Maio de 1906 durante as festas nupciais de D. Afonso XIII.

E assim a reacção conseguiu ver realizado parte do seu maquiavélico plano, encarcerando Francisco Ferrer como implicado nos acontecimentos. A *Escola Moderna* e as respectivas sucursais foram encerradas violentamente e as suas edições destruídas.

Porém, a figura invulnerável de Ferrer e a sua obra não eram como acima dizemos conhecidas somente em toda a Espanha.

O Mundo inteiro seguia atento a iniciativa do grande educador, interessando-se grandemente por elle quando da sua prisão e do seu julgamento.

As cartas de aplauso chegavam-lhe de todos os pontos do estrangeiro.

* * *

Chegámos a 1909.

Encontrava-se Ferrer em Barcelona a trabalhar com imenso ardor na sua obra de renovação cultural quando foi surpreendido pelos motins populares que se desenrolaram nessa cidade.

A guerra marroquina motivada pelo desejo de se obrigarem os rifenhos a respeitar a propriedade espanhola nalgumas minas, rompeu sangrenta e horrorosa, aniquilando diariamente centenas de vidas.

Melilla era um sorvedouro constante de dinheiro e de vidas. Governava nessa altura, Antonio Maura que tendo uma ideia desastrosa mandou para o campo da Batalha o regimento de reservistas quando era logico enviar-se o contingente de tropas em serviço activo.

A campanha contra esta arbitrariedade assumiu vários aspectos. Os operarios protestaram por intermedio das suas associações de classe.

A população reprovou, também por unanimidade, a guerra no Riffe e principalmente a ordem de marcha dada aos reservistas, alguns dos quais eram chefes de familias que ficavam na mais horrível miséria.

A indignação popular subiu ao auge. As mulheres pela partida obrigatória dos maridos e dos filhos, foram quem mais ateou a revolta, desenvolvendo uma campanha teissima.

O rei Afonso XIII visitou os quartéis madrilenos, sendo assobiado pelos soldados.

Alguns regimentos amotinaram-se e a multidão ululante gritava: *Abaixo a Guerra!*

Destruíram-se prédios, promoveram-se desordens e o povo continuava a clamar: *A guerra é uma loucura!*

Quando Pablo Iglesias apresentou no *ayuntamiento* de Madrid uma moção pedindo que cessasse a guerra do Riffe, travou-se um violen-

(Continua na página 6)

BELAS ARTES

O DESENHO

de parte ao conhecimento e prática do desenho. Se um artista pretende reunir a um objecto do seu trabalho a graça, a variedade, o gosto e a elegância das formas, é obrigado a recorrer ás regras do desenho; e quando assim o não faça, o resultado dos seus trabalhos será tódo incoerente, grosseiro e tóso.

Do engenheiro é decerto o desenho um preparatório indispensável, ainda mesmo quando se limite a executar obras alheias; mas se se acha com forças de inventar e aperfeiçoar, então com mais forte razão carece do perfeito conhecimento das regras dessa importantissima arte que é o desenho.

Debaxo do aspecto económico muito tem a ganhar o construtor em geral com o desenho, porque éste lhe faz antever e calcular, quando não rigorosa ao menos aproximadamente, as despesas necessárias para conseguir o seu fim.

O architecto não o poderá ser sem que tenha estudado todos os ramos de desenho, porque só o estudo e a assidua prática desta arte o pode habilitar a conceber prontamente, a delimitar sobre o estirador os edificios que examina, a construir os que imaginou ou que lhe foram encomendados.

Todos os ramos de engenharia se acham igualmente ligados ao desenho.

Nêle encontram os engenheiros e geógrafos os meios de poder fazer os muitos sinais convencionais com que denotam as cartas que representam grandes extensões.

Se para diversas profissões que ficam apontadas, o desenho é uma habilitação indispensável, éste deleitoso estudo prestará sem dúvida os mais pederosos socorros a tódos os diversos ramos de ciências naturais.

O botânico e o zoólogo que souberem desenho, tirarão d'êle grande partido nas suas viagens scientificas.

E, por fim, todo o homem que queira ter uma educação científica perfeita não deve desprezar o conhecimento desta aprasível e importantissima Arte, pois que, se não conhece desenho, não tem o programa completo.

Pinto de Magalhães (filho)

DESPORTOS

FINALMENTE!...

Está anunciada a resolução, ao que parece, do conflito, o malfadado conflito, que colocou em litígio dois «Clubs» dos mais simpáticos da «aficção» lisboeta nas lides futebolísticas.

Entrar em detalhes nestas colunas e analisar de uma forma clara e nítida o incidente que deu origem a tão lamentável conflito, seria tornar-me demasiado prolixo, além do que, certamente todos, ou quasi todos os leitores que praticam o desporto e são entusiastas do jogo da bola, conhecem suficientemente a questão, uma coisa há porém, a registar com agrado e satisfação:—

1.º — A solução de tão difícil problema que só depois de 17 «démarches» realizadas para esse fim, se chegou a uma plataforma de conciliação.

2.º — Pela forma decidida e enérgica como a Federação Portuguesa de Foot-Ball Association, entidade máxima do «Desporto-Rei» encarou a questão, e foi mesmo devido aos seus arduos esforços que o conflito se solucionou.

Falta sómente como se sabe a sanção da Assembleia Geral da A. F. L.

Tenho, porém, que confessar em abôno da verdade, e faltaria a um sagrado dever se tal não fizesse, mesmo até para inteiro conhecimento daqueles que me conhecem, que a solução do conflito não me agradou, e nem mesmo agradou a uma grande parte do meio desportivo. A política seguida nos últimos tempos quanto ao foot-ball, tem sido consecutivamente funesta e tem dado até origem a continuos incidentes, cujas consequências estão bem patentes, chegando-se mesmo já a uma conclusão: — Presentemente nem os dirigentes sabem dirigir, nem mesmo sabem para onde vão, e nem os dirigidos querem cumprir, porque se entrou a abertamente no regime da indisciplina e, consequentemente, numa situação cuja finalidade e resultados são bem difíceis de prever.

O foot-ball entrou pois, francamente em crise, sob todos os aspectos, tanto na parte moral como na parte retintamente desportiva. E estas afirmações são feitas desapaixonadamente, sem sectarismo, ou quaisquer outros intuitos que não sejam os de vêr prestigiado um

NOTAS A LÁPIS

PAGINAS DA CIDADE

As varinas...

...E', sem duvida, um dos motivos de beleza que mais encanta e mais caracteriza esta cidade á beira-Tejo.

As varinas... Lá vão elas em grandes revoadas a semelhar um bando de passaros a brincar numa tarde de primavera.

...Um lenço, dobrado em ponta, de côres vivas em fundo negro... Airosamente lançado sôbre uma cabeça de morena a seduzir-nos com um sorriso. Em cima, um chapinho redondo sôbre o qual hã-de bambolear a canastra. Outras, porém, substituíram o chapinho pela «sogra». A saia curta apertando as ancas fortes. E, a suster os estremecimentos dos seios tímidos, uma blusa de chita. Toda esta indumentária cobre um corpo pequenino de mulher. Dezeses anos sómente...

E, quando as manhãs são cinzentas e frias... As anémicas burguezinhas espunejadas na cama a reviverem: — o sonho côr de rosa de todas elas, com um dos galãs da Ufa ou da Metro... Já as varinas, em friso de lindas raparigas, arrancado não sei de onde, correm, saltando ao ar frio da manhã, numa voz doce como um beijo, um pregão arrastado e melancólico...

Quer o lindo sol de Portugal o rosto mais lhes amarene. Quer o vento a garotar com uns fiapos de cabelo, ou a chuva a molhar-lhes o lindo rosto, lá vão elas como avezinhas numa marcha cadenciada, numa marcha rítmica. Pondo, no movimento da urbe um grito de alegria e um sorriso de felicidade. De uma alegria feita de humildade.

PAGINAS DO CAMPO

Sol pôr! sorriso agonizante... As almas cobrem-se com o manto da melancolia... e o da saudade...

Lá longe, muito além, onde a terra e o céu se beijam, já não gargalha o sol, mas um leve sorriso ainda o anima no seu beijo de agonia.

Finaliza a tarde lentamente em prelúdios de melancólica sinfonia crepuscular...

O vermelho — lábios de mulher desejosos de caricias e, o amarelo: — confundem-se, sobressaiem, na orgiaca dança das côres.

Uma luz doce, morbida e sensual, palpita no ar num nervosismo de desejos...

A paisagem é duma amenidade que encanta.

O azul do céu erupcia-se com o verde da vegetação...

Começa, agora, a haver em tudo uma indecisão de contornos. E' o cinzento a côr que predomina. São difusas gradações envolvendo as cousas, as almas, duma tristeza que nos faz recordar reminiscencias dolorosas.

Do acto do monte sobranceiro ao vale moradias brancas a êsmo, casais, longiqua uma granja, sobresaíndo tudo da verdura, dum verde muito pronunciado

Nesta cenografia da Natureza o silêncio é por vezes infinito. Chega a ser diabolico, grandioso e fervível. Paira na alma algo de etéreo e abstracto, fazendo-a vibrar, sentir... E, êste silêncio, impregnado de melancolia faz errar, em nós, uma saudade, uma nostalgia de nos sentirmos sós, como que perdidos no seio duma luxuriante Natureza prodiga, nas suas mais simples creações,

...E, um vago torpor amorfeniza o pensamento, paralisand-o, ao mesmo tempo que a tristeza brinca em nós. Badalam broiças trindades. Tudo se aquieta.

Os camponezes elevam uma hossana de despedida ao Sol, e á Terra-Mater.

Um véu cinzento lentamente cai...

Tudo agora parece esfumado... A noite desce... O que há pouco era imovel, começa a palpar, a ter vida. Das arvores, evola-se não sei que fluído de mistério e fantasia, cada arvore, a esta hora dolente, é um ser novo saindo do sono hiberna... Alfineta a minha sensibilidade a voz das cousas errando no ar...

Não sei onde, uma fonte chora, num soluçar como uma canção dolente e melancolica. Na estrada geme um carro.

A noite desce...

Noite de luar, noite de amôr, de ternuras e de beijos...

Satanaz

DESPORTOS

FINALMENTE!...

«Sport» que vai perdendo, pouco a pouco, as suas belas qualidades e grande número de adeptos, por haverem falseado já o fim para que foi criado ou instituído.

A solução do conflito de que lhes acabei de falar, não julguem que obedeceu, como seria natural — dizer-se, — por consideração para com o Bemfica e Casa-Pia, ou até mesmo por lealdade desportiva. Não!... Outro factor mais importante surgiu que obrigou sistematicamente, parte dos «Clubs» que disputam o Campeonato a retroceder ou desfazer tudo quanto resolveram na ultima Assembleia da A. F. L.

A parte mercantilista estava sendo grandemente afectada, e a não inclusão, principalmente, do Bemfica, em que é justo que se afirme, um numero considerável de aficionados e admiradores vinha prejudicando grandemente as receitas e isso é um facto. Eis por conseguinte explicada desassombradamente a razão e base fundamental porque o conflito foi solucionado. Que houve uma demonstração de fraqueza daquêles que marcaram a sua posição e defenderam a «outrance» que aos dois «Clubs» se mantivesse o castigo, isso é inegável e nem mesmo tem contestação. Mas, nos assuntos da bola, reina hoje uma confusão e, uma falta de entendimento formidável, dando-se em primeiro lugar a primasia e atenção à política nefasta e cheia de intrigas que determinam os elementos exercem nos cafés. E' pois, naturalissimo que a sua influencia se fizesse sentir grandemente neste assunto.

O mais interessante é que o Bemfica, ao que parece, oficialmente não interveiu nem trabalhou para que o conflito se resolvesse, abs-tendo-se por conseguinte de exercer a sua influencia. Resta saber a posição que êle tomará perante a solução do incidente e a sua orientação futura.

E quanto aos «Clubs» do Barreiro? o que se resolverá? E' uma pergunta a que não é fácil responder-se.

Quanto a mim, só me resta fazer ardentes votos para que depois da solução dum conflito tão difficil como êste, não surja outro mais grave ainda, e de piores consequências.

Mas, até lá, aguardemos os acontecimentos.

Sousa Lito (Carlos)

RECORDAR É TORNAR A VIVER?

Talvez! Recordar o passado... êsse passado ingrato que jamais volta e qualquer coisa que nos encanta e perturba... como o beijo que apenas é beijo... como amar uma mulher sem sermos correspondidos no nosso amôr...

•••

Os nossos olhos cerram-se, e no grandioso tablado do nosso pensamento dançam-nos como se fossem bailados mefistofélicos, as mais excentricas visões.

...E relembremos, com infinita saúde... aquele domingo no baile... aquele fox arrebatador que nos lançou nos braços duma rapariga de perfil oriental, cabeça fulva, cabelos anelados e lábios rubros, sedentos de ósculos, que nos prendeu e cativou com o seu olhar fascinante dum brilho estranho e vago.

E revivemos momentaneamente o enlêvo sublime, paradisiaco, da sua voz que parecia possuir na sua bela modulação os místicos dulçôres dum salmo ou dum poema de Homero.

Esvai-se-nos do écran sensual e da retina como tenues aspirais dum cigarro ou como a visão fugaz dum filme que apenas é filme o perfil escultural daquela *Venus de Milo* que inspiraria uma tela clássica a Columbano, Murilo e outros que reproduzissem em verídicas pinceladas a plastica invulgar dos contornos da sua figura.

Apagam-se dos nossos órgãos auditivos os derradeiros acordes dos compassos do Jazz barulhento e ruidoso que durante horas consecutivas, nos fez conviver num ambiente mórbido, quasi louco.

...E continuamos a recordar... aquela quarta-feira de cinzas quando começou a varrer-se o lixo causado pelas insípidas diversões carnavalescas. *Confettis*, serpentinas, etc., tudo foi reduzido a pó, terra e nada... Só ficou um lixo inextinto que será a eterna mancha do Entrudo... E' aquele que resultou das desastrosas consequências dalguns flirts nos bailes dos teatros e colectividades recreativas.

O film do passado, voluvel e caprichoso, desbobina-se lentamente como essas super-produções ao projectarem-se pelas télas cinematográficas.

As horas decorrem... umas vagarosas e monotonas, outras velozes e alacres... as horas do amôr, da melancolia, da felicidade e da desgraça.

...E recordamos as noites alegres de Junho.

Pelo ar bailavam ecos de frivolas canções de amôr...

Rapazes e raparigas em plena puberdade, cantavam á desgarrada e atraídos pela morbidez do sensualismo, procuravam o calor e o contacto do semelhante para satisfação de desejos lúbricos.

Foi numa dessas noites que eu encontrei a Irene, aquela pequena leviana e inconstante, verdadeiro figurino ultramoderno.

Os seus olhos meigos e sedutores, a sua bôca muito pequenina, fechada como um botão de rosa e os seus peitos tumidos, surgindo no decote profundo do seu vestido, davam-lhe o aspecto sublime, transcendente, das coisas belas que nascem só para serem adoradas.

Era como que uma dessas imagens extasiantes talhadas pelos artistas, em perfeições marmoreas, para figurarem nos altares, rodeadas de luxo e esplendor, entre perfumes inebriantes de incenso...

•••

O enlanguescimento profundo que nos envolvera os sentidos esvai-se lentamente.

Os olhos descerram-se-nos e ao olharmos em redôr voltamos a ter a noção das coisas...

E' o presente que nos chama á realidade da vida...

Recordar é tornar a viver? Talvez!...

...Recordar o passado... êsse passado ingrato que jamais volta, é qualquer coisa que nos encanta e perturba...

M. Benavente

Francisco da Cruz Louro

MESTRE DE CALIGRAFIA

Diplomado pela Escola Comercial de Ferreira Borges

Costa do Castelo, 2, 3.º

LISBOA



Depois do que se tem dito e repetido em revistas, magazines e jornais sôbre a sonorização dos filmes, sua comparação com o cinema puro — que vulgarmente apelidamos de mudo — e com o teatro, é preciso, como condições primordiais e para não cometermos a desilegância de cairmos nos conceitos e opiniões já feitas por altas autoridades, ser-se dotado de excelentes faculdades de observação, de senso crítico e, acima de tudo, como elemento importantissimo, conhecer-se profundamente tôda a técnica cinematográfica e teatral.

Essas qualidades, chamemos-lhes antes virtudes, não as possui, certamente, a modesta pessoa que alinhava com as presentes linhas êste paupérrimo artigo.

Para um estudo perfeito e consciencioso exige-se, sobretudo minucioso e concentrado exame e criteriosa observação; e, pelas razões acima expostas apenas se apresenta um esboço que aprecia as duas grandes Artes, o Teatro e o Cinêma, por fora e levemente, á *vol d'oiseau*.

Há quem pretenda que as duas Artes são diferentes, mas basta unicamente, observa-las na sua essência sôb o ponto de vista Ilusão para concluirmos que se assemelham. São filhas da mesma ideia criadora.

Em seus aspectos externos o que nos sensibiliza e nos emociona é sem duvida a belêsa cênica ou declamatória e a belêsa e perfeição da expressão fisionômica.

No Teatro: o arranjo, a decoração da cena e a sua disposição como manifestação de Arte e de bom gôsto, o movimento das massas corais e figurativas, a formosura do diálogo e a interpretação dos artistas.

No cinêma sonoro e falado podem seguir-se sem exatidão algum, as mesmas observações juntando-se-lhes as impressões obtidas sôbre a purêsa e riquêsa fotogrâfica e fonogrâfica. Ainda assim distinguimos desta maneira, as duas modalidades: sonora e falada. Nos filmes falados apenas se reproduzem as vozes dos actores e os diversos rumores que possam produzir-se em seguida a algum acontecimento como complementos necessários. No filme sonoro os actores e as coisas são mudas, mas o filme tem como característica principal a música, feita propositadamente para a sua interpretação resultar harmônica e agradar auditivamente.

Entre as duas modalidades apresentam-se-nos por vezes nos écrans produções intitúladas mixtas. Um meio termo que estabelece a ligação e é caracterizado por parte ou partes do filme serem sonorizadas e por outras partes que reproduzem sómente, cenas dialogadas:

Podemos compara-los aos primeiros filmes que tinham apenas sonorizados e sincronizados os ruídos mais essenciais ao desenrolar da accção e que eram, da mesma forma, termos de ligação entre o cinêma mudo e o cinêma falado.

Os primeiros passos, os princípios basilares da sonorização.

O principal inconveniente do fonofilm, inconveniente comercial, é originado pela questão da lingua. Há ainda como inconvenientes de realização a dificuldade de encontrar artistas ao mesmo tempo fotogénicos e fonogénicos, dificuldades a que se unem outras para que o filme tenha a necessária homogeneidade interpretativa e emocionativa: as diversas nacionalidades.

Se a musica no filme sonoro fôsse reproduzida perfeitamente com tôda a sua purêsa, o cinêma teria dado um grande passo em frente. O filme mudo obscuracia de valôr como sínfese de movimento e expressão e o seu efeito artístico careceria do incremento de musica apropriada, o que de resto, hoje se observa e já se praticou nas adaptações musicais.

O filme sonoro presta-se iniludivelmente a obter efeitos musicais e ritmos novos que se realizam fácilmente nos estúdios, mas que são impossiveis de conseguir numa sala de espectáculos. Por enquanto a musica tem tôda a aparência gramofônica e não nos convence...

E' já hoje factó constatado que tôda a reprodução dos rumores se apresenta ao espectador sem vincar bem a imagem. Ele acha-se bem longe da ilusão, da realidade, quando ela não é obtida por outros factores principais como a

(Continua na pag. 6)

coloração, a grandêsa emotiva da verdade aparente das cênas e os efeitos de relêvo.

No filme mudo o espectador sincroniza dentro de si mesmo a palavra e os rúdos que lhe reproduzem no espirito a imagem mais perfeita e adaptável á sua maneira de ser.

Quando a imagem fala, poderá exprimir com a naturalidade precisa a sua dôr a sua infelicidade, a intensidade do seu amor ou do seu ódio com aquêlo poder transmissivo e quasi real com que se exprime no filme mudo? O infimo do público será fascinado, tocado profundamente como no silêncio misterioso do filme mudo, no qual o espectador, sustendo a respiração, segue com os olhos fixos, transtornados, e gradualmente atencioso e interessado, o vulto do artista que lhe diz, que lhe traduz, miudamente, tôdos os seus sentimentos?

A palavra elevará ou reduzirá em grande parte a Arte do actor e distrairá o publico daquela inteira contemplação que o embestia?

O filme mudo — a grande expressão — é um filme para ser sentido.

Obriga-nos a acompanhar, a imiscuir-nos na sua acção e aprende-la intimamente e até a sofre-la como se fôssemos uma das personagens.

Que espiritualisação não há na interpretação desse artista que nos faz olvidar a nossa personalidade, a tragicomédia da nossa vida, e nos faz sentir, movimento por movimento, expressão por expressão, tôda a sua grande dôr ou tôda a sua grande alegria!

E, todavia, não escutamos as suas falas e os seus cantos, não ouvimos os seus choros, não ouvimos as suas gargalhadas,

Que formidável poder transmissivo o da expressão fisionómica!

O sonoro, pelo contrário, é para ser ouvido...

Um inglês, um escandinavo ou um yankee pode interpretar com grande perfeição de jôgo fisionómico, dependente unicamente do estudo exterior da personalisação a realizar, uma personagem espanhola, arabe, mongólica e tantas e tantas de origens profundamente diversas, mas não pode falar, cantar, rir ou chorar com o mesmo modo de sentir, com aquela entoação ou modulação de pronúncia que estabelecem a característica que define uma Raça.

O que seria, por exemplo, a Severa interpretada por artistas franceses ou alemães?

O que seriam as nossas canções se fôssem cantadas por ingleses ou suecos que as não sentem e nem as compreendem?

Perderiam aquêlo sabôr especial que nós lhes encontramos, aquêles laivos melancólicos que fazem dela uma exteriorisação da Saudade.

A moral, os hábitos, a civilização e os temperamentos são diversos.

Razões técnicas, climatéricas e mesmo sociológicas explicam essas impossibilidades.

Mesmo que se façam interpretar como até aqui os diálogos por artistas duma nacionalidade em cuja lingua se pretedde apresentar o filme, subsistem os inconvenientes. O movimento dos lábios dos artistas que figuram na tela não corresponde á palavra pronunciada pelo artista adaptador. As palavras são, conforme a lingua muito diferentes, e mesmo que se assemelhem, a maneira de movimentar os lábios para a pronúncia é diversa.

O filme sonoro fez decair a arte cinematográfica. A música fala do mais que qualquer outra coisa — disse alguém.

• • •

O cinematógrafo, reino da Aventura, acabou; os últimos proximos ritmados pela música dos Jazz-Loucuras. Começou o cinema-fenômeno social, «affaire» de Bolsa, competição de Continentes.

O Cinema-melodrama começou...

A grande fábrica de illusões desmoronou-se, abateu... Agreste paraíso, em que se divinisava o filme silencioso, adeus!

Terra de Estrêlas, de pioneiros, adeus! Adeus, Hollywood que significa Aventura! Metrôpele de sonhos, fábrica de ídolos, terra das quimeras do Ouro, Adeus, Adeus!

• • •

A Aventura fenecceu.

Num ápice os inventôres daquela etérea e volátil coisa

que era a Arte do Cinema juntaram-se mãos com mãos, e deram começo, febrilmente, ao fabrico da complicada máquina da sincronisação.

Hollywood, bosque de visionários, cosmopolítico circo de vaidades e grandêsas, contorceu-se, e as suas luzes poderosas, irradiantes, que aureolavam com a poalha fina e doirada da fama os «astros» e as «estrêlas», enfraqueceram, nevoaram-se á saída dos projectores e holofotes.

O Cinema moderno, o das grandes revistas, é negócio de milionários, problema de engenharia, tese de bacharel, argumento de «La Science et la Vie».

O pitoresco, a novidade, o imprevisito, sossobraram.

O Zorro da espalhafatosa durindana, Dána a doce criaturinha de eleição do «Séptieme Ciel», o vagabundo Charlot, com o côco, a sobrecasaca e a gabardine o homem-simbolo da tragédia humana, o fino creador do oiro da Ilusão, apaixonam já distanciados, como fabulosos heróis duma novíssima mitologia circundados dum variegado cortejo de mulheres fatais e galãs irresistiveis, brutamontes barbarêscos e ingénuas lacrimosas, jogadôres, bêbados e loucos, guerreiros fantásticos, lendários, bandidos, boot-legers e detectives, cow-boys e cavalos, cães e macacos, comparsas e sacerdotes do mesmo culto: o culto da Expressão.

A poesia da Aventura substituída pela prosa chã do mercantilismo. Montagens prodigiosas, fantasmagóricas, e legiões de pernas que bailam, bailam num rodopio fantástico e apocalíptico.

Negocio, negocio gigantêscico!

O cinematógrafo, reino da Aventura, acabou...

Silêncio. Vai começar o 100.º falado...

Antonio Pinto de Magalhães

DIA DE FEIRA

O dia estava radiante. O sol brilhava com todo o seu esplendor. Um verdadeiro dia de primavera.

Muito cedo já as moçoilas começaram a ataviar-se. Com os seus lenços de côres garridas, as suas saias de muita roda, e os grandes brincos dos dias de festa.

...E, por toda a aldeia havia alegria, muita alegria...

Um grupo de moçoilas gritava: ó Maria! ó Zefa! Então!? Raparigas olhem que já é tarde!

Por fim, partiam em alegres grupos, pela grande estrada, que precisavam de calcurriar, para chegarem á almejada feira. Para encurtar caminho cantavam alegres canções...

Chegaram, após uma boa caminhada. E, as economias que durante tanto tempo fizeram, aí as gastaram em bugiângas...

O sol estava quasi no ocaso... Quando a debandada começou...

Pela estrada arborizada passavam aos pares. Eles dedinhando nas violas. Elas cantando ao desafio.

O astro-rei, num ultimo adeus, iluminava, com os derradeiros raios, aquele quadro tão digno do pincel de Murillo.

Se foi Deus que fez este mundo, eu não queria ser esse Deus: a miséria do mundo partir-me-hia o coração.

Schopenhauer

• • •

A vida é um verdadeiro baile de mascarar onde todos giram numa espécie de valsa.

Henri Murger

• • •

Todo o ideal é Bello enquanto o não materialisam.

Ferreira de Castro

• • •

A existencia dentro da illusão é tão grande como dentro duma realidade pura.

Aquilino Ribeiro

TABACARIA BOA - HORA

Rua Nova do Almada, 46

Tabacos Nacionais e Estrangeiros

ARTIGOS DE PAPELARIA E AGUAS MINERAIS

Crónica Epistolar

UM GRITO NA NOITE!...

Crónica Epistolar

Sua casa, 27 de Outubro de 1931

Meu caro Benavente:

No turbilhão positivista da época presente em que nós mesmo sem dar por tal nos envolvemos, é difícil realizar uma composição mais ou menos romântica, ou mais ou menos idealista.

Não quero dizer que nos tivéssemos desaparecido já a nós portugueses, a que eles desvanescem sentimentalistas característicos da raça que tem sempre a lágrima fácil e é móvente a precipitar-se do canto do olho e que se fenece como nenhuma outra nesse estado de alma incompreensível, alanceador: a Saudade.

Não. Outro que nanja eu tenha tão horrível convicção.

Mas; nós jovens puberes e impuberes, vamo-nos deixando dominar pelo materialismo consequente da vida, e, quando queremos idealisar, ou sonhar, pelo menos, sentimo-nos presos pelos elos dessa cadeia de tragédias sucessivas, que é a existencia do nosso ser, neste mundo.

Vou tentar desprender-me um pouco da porca da vida, como diria qualquer honesto remediado que no bater frenético dum bocado de sola tivesse martelado fortemente algum dedo caelejado...

E vou escrever de quê, de que assunto vou tratar?

Não se atemorise ante a perspectiva dalgum tema filosófico, sociológico, ou mesmo de algum que não seja nada lógico...

Ora o que será mais racional, o que será mais concernente á minha mentalidade e aos meus projectos anos de estudo?...

Espera! Não é nada do que pensa.

Já julgava então que era do amor?... que horror!

Ora, de que ha-de ser homem?

Da... da Mulher!

Sim. Assunto já muito batido mas sempre inexgotável, de que tirei decerto coisa que se aproveite apesar de estar nos alvôres do seu conhecimento, simples noviço na congregação em que ela impera como Deusa omnipotente.

Mulher, «oasis» santificado que anelamos na transposição do paradoxal e angustioso

O entardecer suave e triste envolvia a Terra no seu manto de crepes.

O Sol de há muito que se despedira num lânguido e prolongado ósculo nostálgico.

Começaram a aparecer estrelas fulgentes e a lua surgiu ativa, magestosa, na imensa abobada celeste.

Uma tenue aragem refrescava a Natureza. O cíciar suave das folhas e a modulação inebriante das avesinhas, possuíam os estranhos dulçôres dum trecho de Gounod.

Eram as horas mórbidas de impenetravel misterio que perturbava o sensualismo dos mortaes.

No jardim dum palacio, circundado por extensas alamedas de verdura, Elena, a encantadora moçoila que fazia vibrar de amor os corações dos inumeros rapazes que a conheciam, passeava agilmente pelas suas aleas.

As horas decorriam vagarosas com uma monotonia irritante.

Elena, bastante cansada, fixando um determinado ponto do jardim, deixou cair o seu corpo gentil num banco de pedra. Conteve-se por instantes absorta em profundas cogitações, passando-lhe pelo «ecran» da retina como se fossem bailados diabolicos as mais excéntricas visões.

Num impulso febril, levantou-se quasi maquinalmente. Os seus olhos incandescentes ocultaram por instantes a tristeza que lhe invadía a alma e mal podendo conter um grito de louca alegria, foi ao encontro de um vulto que cautolosamente se aproximara do portão.

Ao transportar o gradeamente, esse vulto que era Rui de Aguiar o namoro de Elena, cingiu-a ternamente nos braços, e os dois corpos enlaçados num fraternal amplexo, olhavam-se enlevados.

A jovem, gentil, no seu vestido lilaceo, escondeu o rosto de encontro ao peito do rapaz e principiou a chorar convulsivamente.

Ao vêr uma transição tão brusca no semblante da sua amada, Rui interrogou, inquieto, qual o motivo que a ocasionara. Ela não respondeu, e o silencio, o longo enleio dos namorados, envolveu aquele par gracioso, passando-lhe pelo pensamento longas eppelas de amor.

Elena quebrou o mutismo entre os dois proferindo, interrompidas por sentidos soluços, estas afirmações:

—Rui! Meu pai sabendo dos nossos encontros e, portanto, da nossa amizade, proibiu-me terminantemente de continuar a falar-te!

O desfechar brusco destas laconicas palavras fôra tão rapido que Rui só momentos depois compreendeu o seu significado.

—Elena! Quando dois corações se amam loucamente, nada existe que os possa afastar! Tem de palpar juntos, consubstanciados numa só alma, unificados num só gerador de energias e, se o teu amor era sincero como por varias vezes juraste, porque motivo me repelas tão ingratamente?!

Rui de Aguiar cingiu novamente Elena nos seus braços e, apaixonadamente, langorosamente, beijou os seus longos cabelos anelados. Entretanto, num telhado fronteiriço, uma coruja lançou no espaço os seus pios agoirentos.

Elena, aterrorisada, procurou nos braços de Rui a salvação dum perigo invisível e o rapaz embora não fosse supersticioso, sentiu, também, um presentimento tragico percorrer-lhe o corpo.

Os corpos dos dois jovens apertaram-se numa insofrida sensualidade.

Os seus labios uniram-se em langorosos beijos... E alguns momentos apoz, um doloroso grito de Elena, o grito duma virgindade perdida, perturbava o grave silencio da noite...

Uma das portas do palacio entreabriu se. Uns passos movimentaram um corpo. Era o pai de Elena que resolveu ir procura-la, em virtude da sua prolongada ausencia.

Os dois enamorados largaram-se dos braços um do outro. Elena correu para casa e Rui ocultou-se atraz duma arvore.

As silhuetas apagavam-se aos primeiros alvôres da manhã e lá ao longe pela estrada, caminhavam camponezes, entoando lindas canções...

M. Benavente

tioso deserto da Vida, fanatismo maldito que nos escravisa.

Unges de Amôr os que vivem enclausurados na cathedral mistica do Sonho...

Tens a duçura e a transcendentalidade das coisas divinas.

E's a fada de pupilas liricas que inspirou os poemas dedicados de Mistral e emba-

lou de melancólicas sinfonias a epopeia dos homens, eternizando a dôr humana em lendarios sacrificios de maravilhas.

Com a melodia da tua Alma desvias e detens a torrente mesquinha dos nossos desejos, moldados no egoísmo.

Com o cinzel da tua Virtude esculpes na tela do nosso ideal a estética da Vida.

Intundas de claridades fortes a negridão temerosa que segue os tempo-ais desencadeados pelas lutas do poderio.

E's o farol que guia nas veredas da vida, ladeadas de abismos e batidas pelas procelas, o desfortunado o perdido e prestes a precipitar-se na solidão.

Estimulas e incitas para uma civilização superior e sã, despida de roupagens hipocritas e de vaidades mesquinhas em que se atrofia e estagna a humanidade.

Lampâda votiva acêsa na alma dos poetas e dos sonhadores:

Ergue os teus olhos para a luz, onde nenhuma sombra nubleece o teu coração, olimpo de Amôres e Primaveraes.

Não mires as coisas más que rastejam em torno da sua divindade.

No teu templo, onde officia o rito do amôr e da caridade, busca o solitario, a paz e o esquecimento, que não encontras no tumultuar incessante do mundo.

Não me expulses do teu templo... Serei o ultimo dos teus sacerdotes...

Exultarei, no martirio da minha tristêza, na quietude dolorosa dos meus solitôquios, o olhar ardente e luminoso que acarinha os desprotejidões e os miseráveis, lenitivo de sofrimentos e dôres, qual visão de lenda encantada que disferisse:

Sorrisos e Venturas, Harmonias e beijos, o sublime e o Fantastico!

Traçado êste modesto e pobrissimo boquêjo, resta-me pedir ao meu amigo complacência para os desiquilibrios da prosa e da... imaginação...

Assim o espera o

Seu colega e amigo

Antonio Pinto de Magalhães

A mulher que foi sincera RESPONDENDO...

A LIDIA: — A TUA AMISADE

Foi uma tarde gris, quando as ultimas folhas das arvores erravam pelas ruas, que conheci Leonor. E, esses dezeseite anos de mulher, ficaram-me na tela do meu pensamento, na semelhança da graciosidade, como uma dessas figuras aninhas que Saxe espalha pelo mundo,

Os dias e as semanas, num preguiçar interminavel, desdobinaram-se lentamente. Dez meses, contára já a passagem quando a tornei a ver. Conheceria-a vulgar e anonimada. Dir-se-hia que despertara, agora em si, um desejo selvagem de ser bela—para endemoninhados designios. A cara, pódorrosara-a, Leonor, de indeferença. A boca, linda subtil, a rogar carcias, tendo por apoteóse, um beijo incrustado num sorriso de ativez! Os cabelos — como deve ser a alma desta mulher—rebeldes ao alinhio, levemente ondulados. Os olhos: —negros, largos e languidos. Tudo em seu corpo seduzia. Desde o tom amorenado, ao sol, da pele — que era a véstia dum carne rija, dum carne impuosa como uma labareda. Até a elegancia dos seus quadris flexiveis, assim como tambem os seus seios pequeninos, mas já irritantes ..

Na Figueira da Foz, naquele verão, decidira-me a ser o observador dissimulado de certas almas e de certos idilios...

...E, no nosso numeroso grupo de gente moça: —gravam bisbilhoticos, intrigras, a que elas principalmente juntavam sempre uma malicia...

De todas a mais singular, a mais perturbante, e, que nós ao criticar saboreavamos como se fosse um rebuçado, era a que rodava desta mulher-fatal.

As amigas e conhecidas, reconstavam-nos de ela, despeitadas e invejosas—oh! não fossem mulheres! —num vago murmúrio intrigras, que voluptuariamente deixavam erráticas no ar .. Assim o «diz-se» passitava nas bocas rubricadas a vermelho, quel abelha voando de flor em flor.

Era à hora cr-pulsular ..

Uma ou outra còr vaga e nostálgica esfarrapava se pelo azul do céu. Assim, se diluam os laivos sanguinios, cambiados do alaranjado ao violeta, até se desvanecerem na tinta esfumada do crepusculo E, o Sol quasi moribundo, num ultimo arcano, num derradeiro adeus, por momentos beijou a terra e o mar. A gonizand numa hemoptise grandiosa que irradiava no poente. E, as ondas continuaram com as suas confidencias, e, com as suas carcias. Além, por sobre as aguas esvoaçando as asas dum barco.

...quando apresentaram a Leonor o jovem artista, o futuro escultor Pedro de Saavedra.

Disseram banalidades. Por fim, olvidaram-se, sentados na areia, num conversar de livros, de musica, de fantasias ..

...Leonor sorria, muito languida, ao escutar as palavras de Pedro que a faziam esquecer de si mesma, que a faziam preguiçar num sonho indelentido, enevoado. Toda ela respaldancia banhada nesta embriaguez. Cada vez mais se sentia inverosada. Cada vez mais se sentia presa à vibração máscula da voz de Pedro. Enquanto a sua sensibilidade de mulher bonita, mais irrequietamen-

te vibrava. Assim, neste estado de alma, albergou em seu cérebro, uma ideia adoravel, uma ideia perversa. A de agradar, a de se fazer amar—que é para a Mulher o haschiche que maior volupia e embriaguez lhe traz ..

...e, Pedro de Saavedra, um romantico, um sonhador como todos nós, ficou então perturbado pela beleza de Leonor.

E' que, as palavras de ela, entraram na sua alma como o sol entra por uma janela aberta. E' que para ele, artista de sensibilidade requintada, Leonor não possuía a vulgar banalidade das outras mulheres! Em cada palavra marulhava a graça de a dizer, em cada ideia o encanto de a expor!

Numa tarde de preludios outoniços, sobre a luz branca do poente foram ambos peripatetas. Então Pedro, num conversar inteligente, rogou, que Leonor se humilhasse em corresponder ao seu imenso amor!

Amaram-se!
Treze meses encadearam-se dia a dia. Leonor viver um lindo poema de amor, em liricas rimas de beijos e carcias ..

Já na Figueira, e, depois em Lisboa, as intrigras fervilharam de intensidade. Para Pedro eram a causa de um mal estar, dum desesperação. Escrevia-lhe longas cartas, num palpitante lirismo de amor. Ora desvaídas, ora romanticas, bocados da sua alma de sonhador, mas filhas, dum sempresmo ciume que o devorava.

E' que á sua alma de sonhador, de romantico, o ciume agarrara-se como o abute a um cadaver, tendo a desenvoltura dum ulcera devoradora. Inconsciente, tornara-se em revoltado, desafiando pensamentos temerários numa loucura de bussola, em noite de procela, a demandar o norte. Tudo lhe servia. Tudo o alimentava. Factos passados, até alheios, a que ele emprestava a sua fantasia, somente por crer que Leonor lhe era infiel.

Pobre poeta, pobre romantico, sonambulo, dum linda ilusão, dum sonho idealista. Eterno, sonambulo, que não era mais que a sua propria sombra, na sua sombra vivendo, nela irremediavelmente arrastado.

A lua ensonada lançava á terra uma luz aborrecida, cadavérica, a que as cousas tomavam um aspecto hibrido, por vezes, de monstros das lendas antigas.

Pedro, ao recolher a casa notou sobre a sua banca de trabalho uma carta. Letra desconhecida. Abriu-a. Dum amigo anónimo, adepto fervoroso da c. bardia. Num estilo estupidificado, próprio de espirito pelintra, em cuja alma, veríamos lodo, se acaso nos fosse possivel desnuda-la. Arengava falsidades a Leonor. Despedaçada a sua serenidade, pálido, turvado de loucos ciumes, debateu-se o resto da noite, numa crise de desespero.

Fim da tarde. Sala de estar-escritorio. Estilo moderno. Ao meio uma mesa, um bordado, livros, revistas, numa jarra murcham páldias camélias. Na secretaria, papéis, um jornal desdobrado, telefone. Estantes baixas, repletas de livros. Por cima bocetas velhas, miniaturas, porcelanas de Saxonia, cousas raras, preciosas, futeis. O vermelho das paredes

enodoava-se em caprichos de linhas geométricas, por quadros. O chão atapetado de almofadas variegadas. A arte alia-se ao conforto. Cai o silencio, adeja a meia luz. Enterrada no morno aconchego dum «maple» Leonor ensimesmara-se na leitura dum livro.

A campanha do telefone chama. Atende. Reconhece, no extremo da linha, a voz de Pedro.

—...como? o quê? Não acredites. E' tudo mentira. Escuta-me. —mas um ruido metalico interrompera-a ..

...E, o telefonema de Pedro deixara-a nervosa. E, o seu pensamento perigrinava, tateando o «porquê» .. Quería uma resolução. Mas as ideias bailavam sem fim. Leonor, toda coração e ternura, estorcegava-se na dor, que lhe esbatia a resolução a tomar, como uma gata esfomeada a rolar-se de contentamento ante o cadaver dum rato. Então, duas lágrimas rebeldes e pequeninas, rolaram-lhe pela face, na languida suavidade dum beijo .. Repentinamente, tomada uma resolução, senta-se á secretaria. Na altura rectangular de linho, timbrado, desenha com elegancia, a sua letra original, esquisita.

E uma linda carta de amor—que só as mulheres as sabem escrever—Naquele estilo tão proprio, sem sentido, não raciocinado louco de ternura, repletas de erros. Mas, tão evivadas de amor e carinho, a evolvar-se num perfume subtil de encantamento e adoração! E' esta a leitura que ao deciframos o sentido, como se fosse uma charada, nos embriaga, nos anestesia ..

Cinco dias empós, como resposta á sua carta, Pedro se anuncia para lhe falar.

Recebeu-o naquela atmosfera de intimidade e elegancia, com um lindo sorriso a ilumina-la.

—Leonor.

—Dize.

—Escuta, o que te vou dizer. E' indispensavel falarmos amigavelmente. Sem lágrimas. E, sem censuras. Sabes muito bem que te amei com loucura e adoração.

O meu amor, por ti, nasceu não só da tua beleza, e, dessa invulgar arte de seres mulher. Mas tambem, da luta que se travava na sombra. Todos te queriam, todos te desejavam. Mas o que neles era amor dos sentidos, em mim, era um sentimento todo da minha alma. Porque tu és linda. O teu corpo é uma fogueira. Se eu te soubesse amar, poderia ter sido, em tuas mãos, o autor das mais excentricas loucuras. Não te soube amar. Pois, se em mim, só havia ciume! A aguiolhar-me, a acavar-se, na minha alma, cada vez mais. A tua ultima carta de reabilitação—chamas tu, plena de sinceridade, avis rara na mulher extinguiu, para sempre, a chama do meu amor—ciume. Foi como se tivesses soprado o fumo dum Arak's! Por seres sincera matas-te uma linda ilusão!

Leonor ficára páldia, lindamente linda, na attitude que tomara ao escuta-lo. Pedro levantou-se. Ela numa miada ternura, estendeu-lhe a sua boca vermelha de beijos e para beijos... E foi um longo beijo, tão silencioso, como a tristeza de certos rostos, bonitos de Mulheres, que no amor foram sempre incompreendidas...

Lisboa-Abril-31.

A. Tavares de Carvalho

Pedimos aos nossos estimados colaboradores a fineza de nos enviarem os seus originais escritos legivelmente e dum só lado do papel.

Julia Fino da Silva—A sua «Paisagem Insular» sairá no próximo número.

Cicero Galvão—Não publicamos o artigo que nos enviou a proposito da passagem do 21.º aniversario da República, porque já perdeu a oportunidade. Por absoluta falta de espaço não inserimos, tambem, a sua «Reportagem Sensacional» o que faremos num dos próximos números.

António Soares—A sua crónica está interessante, mas não pode ser publicada devido á sua extensão.

Fernando Q. Pereira—Os versos que nos remeteu não podem ser publicados porque estão muito ingénuos.

Jorge Paiva—O soneto que nos enviou revela qualidades. Aguardamos com interesse novas produções suas

Lourenço Gomes—As quadras saiem no próximo número.

Pequito Rebelo—Um dos sonetos que nos mandou, sairá no próximo seguinte.

Alves Nunes—O seu soneto «Agonia» sac, tambem, no próximo número.

M. Benaente.

EXPEDIENTE

Pedimos a todas as pessoas a quem enviamos o presente número do nosso jornal e que por qualquer motivo o não queiram assinar, o favôr de o devolverem na volta do correio.

ASSINATURAS

5 Números 2\$50
10 Números 5\$00
(pagamento adiantado)

ANUNCIOS

1 Pagina 160\$00
1/2 « 80\$00
1/4 « 40\$00
1/8 « 20\$00
1/16 « 10\$00

Aceitamos correspondentes em todas as Escolas ou Liceus onde ainda o não haja.

Para publicação seguida contractos especiais.

Tudo o expediente deve ser dirigido para a Redacção do jornal: Costa do Castelo, 27 — LISBOA.